

A educação médica produz que tipo de formação do/a estudante durante a graduação?¹

Ursino Neto

O valor de uma vida não se mede pela quantidade de coisas que realizamos, mas pela qualidade da nossa presença em cada uma de nossas ações. (Frédéric Lenoir)

Ninguém poderá construir em seu lugar as pontes que precisará passar para atravessar o rio da vida, ninguém exceto tu, somente tu. (Friedrich Nietzsche)

Educar é libertar. Libertar das estruturas que conduzem a nossa forma de experienciar a realidade. (Lama Padma Samten)

SUMÁRIO

- 1 Considerações preliminares
- 2 O que é característico do currículo do Curso de Medicina?
- 3 Os Cursos de Medicina formam o/a estudante como um sujeito?
- 4 Qual o valor da formação de médicos/as críticos, resilientes e resistentes à imposição do biopoder?
- 5 Durante a graduação do Curso Médico se transmite a paixão pela Medicina?
- 6 Considerações finais

1 Considerações preliminares

Este primeiro texto do Módulo de Bioética e Cidadania (Desenvolvimento Pessoal 5) pretende ser um acolhimento insólito aos/às estudantes da Turma 126 da Faculdade de Medicina-UFC (Famed), pois pautado em questionamentos intempestivos ou extemporâneos.

O sentido de intempestivo foi elaborado por Friedrich Nietzsche² na sua crítica à educação do seu tempo, principalmente, a dos cursos ditos superiores ou de graduação.

Aqui são pautados problemas tornados invisíveis, ocultos, marginalizados pelos dispositivos institucionais constitutivos dos Cursos de Medicina (em geral). Eles serão

¹ Texto didático (Graduação 2022.1): uma referência para produzir o exercício ético da experiência de si ou PensArteCorpo.

² Cf. NIETZSCHE, F. *Consideração Intempestiva – Schopenhauer educador*. In *Escritos sobre a educação*. 4ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: PUC-Rio/Loyola, 2009.

resgatados devido à sua própria relevância e ao nosso compromisso com a autêntica formação humana do/a discente.

O acontecimento que se intenciona destacar é um período da vida de jovens graduandos que se preparam para adquirir uma capacidade extraordinária para cuidar de outros seres humanos, ou seja, buscam aprender o saber da Medicina.

O saber da Medicina se aprende como uma “experiência de ser médico”. Naturalmente, a responsabilidade pela condução de tal experiência é da instituição, do seu currículo, do seu corpo docente; mas, para nós, sobretudo, dos próprios discentes porque são eles/elas que vivenciarão para o resto de suas vidas o significado e o sentido da vida de médico/a.

A educação médica produz que tipo de formação do/a estudante durante a graduação? O que é característico do currículo do Curso de Medicina? O aprendizado da Medicina tem base em que tipo de conhecimento? Os Cursos de Medicina formam o/a estudante como um sujeito? Que tipo de experiência ele/ela se reconhece como aprendiz de medicina? Qual o valor da formação de médicos/as críticos, resilientes e resistentes à imposição do biopoder? Durante a graduação do Curso Médico se transmite a paixão pela Medicina?

Essa problematização nos atende como uma referência inicial para produzir uma hipótese guia deste estudo: em linhas gerais, o Curso de Medicina é permissivo, consciente ou inconscientemente, em relação à captura da forma de vida do/a estudante pelo biopoder.

Alguns conceitos, palavras e termos técnicos aplicados aqui serão desdobrados ao longo do Módulo, tornando-se pedagogicamente mais didáticos em vários temas que se desenvolverá para estudar e compreender melhor o saber da Bioética como *Ética-da-vida* ou *Aionética*.

O foco da análise se pauta na nossa realidade: a graduação no Curso de Medicina da Famed que tem alicerce no social porque é uma instituição formadora de caráter público.

2 O que é característico do currículo do Curso de Medicina?

A cena do primeiro dia de aula de um Curso de Medicina exibida no filme *PATCH ADAMS: o amor é contagioso* esclarece cabalmente esse problema.

A turma de estudantes calouros reunidos no auditório em um ambiente de comunicação entre si alegre e festiva; de repente, se faz silêncio e a câmera mostra a entrada do diretor e um séquito de professores (somente homens brancos), todos impecavelmente trajados com os seus jalecos brancos, camisa de colarinho e gravata.

A cena é breve, o discurso do diretor incisivo e fulminante.

Ele inicia resgatando o princípio hipocrático do *primum non nocere* (antes não causar dano), provoca um viés de pensamento quando compara o ato de tratar a doença no corpo de alguém, sem qualquer erro, e o poder sobre a própria vida, depositando na Medicina tal fiança.

O final da sua narrativa é preciso e apologético: como os seres humanos cometem erros, os médicos não podem ser humanos como os outros.

Portanto, a sua conclusão é óbvia: aquele Curso de Medicina os transformará em outra espécie de ser humano – aquele que não erra.

O efeito daquelas palavras, em alguns discentes, é arrebatador e empolgante, sendo acompanhado por aplausos entusiasmados.

Para nós, o discurso do diretor é uma falácia, mas demonstra com clareza o tipo de conhecimento hegemônico que distorce o ensino da Medicina, direcionando-o unilateralmente e enviesando-o para um único sentido: o saber técnico (o qual não erra para ele).

A árvore do conhecimento é a metáfora que estrutura o saber técnico ou aquele baseado na tecnologia. Trata-se de uma “concepção mecânica”, reproduzindo a fragmentação

cartesiana do saber, resultado do cientificismo oriundo da interpretação da Modernidade que culminou no século XIX no pensamento de Auguste Comte.

Para a Medicina, a imagem arbórea é didática para se compreender como se construiu um modelo de interpretação que ainda hoje predomina.

As raízes são as premissas que a ciência estabelece como verdade e acima do tronco, a copa frondosa onde crescem, cada vez mais, os galhos de diversas “especializações”.

Entretanto, essas “especializações” não guardam entre si quase nenhuma conexão, pois se ampliam em sua especificidade. Só é possível identificá-las como inerentes ao saber médico devido à sua relação com o “tronco comum” da árvore.

E qual é o “tronco comum”?

A resposta é inequívoca: o plano da cognição.

Aqui, desde já, é preciso desmistificar tal tese, desvelando o seu viés: a dissociação entre o conhecer e o sentir.

Como veremos adiante, em outro texto didático, António Damásio³ o dirá com todas as letras na sua hipótese do marcador somático explicando como o ser humano adquire conhecimento.

3 Os Cursos de Medicina formam o/a estudante como um sujeito?

A palavra sujeito no senso comum remete imediatamente a alguém portador de direitos. Entretanto, a cultura ocidental, a partir da Modernidade, construiu o conceito da palavra sujeito com matiz polissêmico, isto é, com vários significados.

Sem descurar o conceito de sujeito da área jurídica, aqui se enfatizará a dimensão epistêmica, ou seja, a capacidade do indivíduo de conhecer. Em outras palavras, o foco será o sujeito do conhecimento.

O conceito de sujeito no nosso texto parte da concepção de Jorge Larrosa⁴ como o ser humano capaz da experiência de si.

Em sentido amplo, uma experiência para o ser humano se constitui quando uma determinada atividade se efetiva como um valor que contém significado e sentido, sendo incorporado ao self autobiográfico. Tal conteúdo é singular, contingente, histórico.

O Curso de Medicina é uma instituição escolar, pedagógica; portanto, utiliza os recursos ou dispositivos que atendem o interesse para assegurar o seu poder como formador ou produtor de indivíduos que terão uma função social - os médicos.

Um dispositivo controla a forma de vida do homem, pois tem a capacidade de interceptar e modelar o comportamento do indivíduo, de uma coletividade, capturando os gestos, as condutas, as opiniões e o próprio modo de pensar a realidade.

Logo, ele implica um processo de subjetivação, um arcabouço limitante da subjetividade que poderá atingir o “*assujeitamento*” para atender o interesse situado na instância do poder.

Um dos principais requisitos de controle é desconsiderar a singularidade do estudante, interpretando-o como um integrante de turma, grupo ou população, considerando-o como uma materialidade indiferenciada.

O filósofo francês Michel Foucault (1926-1984) muito nos ensinou sobre como os dispositivos funcionam para controlar o indivíduo por intermédio de instâncias da sociedade (escola, hospital, caserna, prisão, etc.); como operam os seus regimes de verdade, as técnicas e os procedimentos valorizados na transmissão da “verdade”, além do *status* daqueles responsáveis pelo dito que “vale como verdadeiro”.

³ Cf. DAMÁSIO, A. *O erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano*. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

⁴ Cf. LARROSA, J. *Tecnologias do Eu e Educação*. In SILVA, T.T. (Org.) *O sujeito da Educação: estudos foucaultianos*. 5ª ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

Na escola, o currículo é a “regra” que modela a forma de vida do estudante e isto se aplica, sem dúvida, ao Curso de Medicina porque é por intermédio dele que principalmente o biopoder age, determina, controla, normatiza e afeta o cotidiano da forma de vida do aprendiz de Medicina.

4 Qual o valor da formação de médicos/as críticos, resilientes e resistentes à imposição do biopoder?

Assim como bioética, a palavra biopoder é um neologismo proveniente dos anos de 1970. Conceito criado por Michel Foucault que o relaciona a uma estratégia política: a racionalidade administrativa com a intenção funcional de governar, gerir, comandar as instituições ou a “máquina” do Estado. A esta configuração, Foucault denominou de “*governamentalidade*”.

Historicamente, duas expressões de biopoder foram identificadas: o regime da “disciplina” e o regime da “biopolítica”.

O biopoder incidiu sobre os indivíduos a partir do final do século XVII inserido em um saber constituindo um dispositivo político cuja peculiaridade de atuação regulava detalhadamente as atividades do corpo.

Naquele contexto, ele estabeleceu a disciplina como um saber, uma “técnica política” para monitorar o corpo e o tempo dos homens; com isso, transformou-os em força de trabalho.

A relação de poder que se manifesta no plano da disciplina produz normas, na maioria das vezes, indutoras de imposições coercitivas que afetam o modo de vida humana; logo, um saber com dupla caracterização: o *normativo* determinando o certo e o errado, o permitido e o proibido etc., como também o *normal* oriundo do seu regime de “verdade” imposto como modelo.

A consequência disso se denomina *normatização* e *normalização*, estando presente na escola, no hospital, na fábrica, na caserna, na prisão etc.

Como disciplina, o biopoder foi uma estratégia da economia-política no passado e continua também sendo no presente, visando à subordinação da força vital do homem para impor-lhe uma dupla condição instrumental: ser útil para a economia e ser subserviente na política.

Esclarecido o horizonte conceitual, a questão acima se revela por si: o valor é a própria formação autêntica da educação médica resistente ao biopoder, configurando uma nova *forma-de-vida* do estudante de medicina.

5 Durante a graduação do Curso Médico se transmite a paixão pela Medicina?

O afeto é um tipo de afecção (do grego, *pathos*) e se refere a algo que se sente. Trata-se do sentimento daquilo que decorre do efeito de alguma ação (subjéctiva ou exterior) conjugando mente-corpo.

A paixão é uma experiência de afeto.

Na Antiguidade, a tradição da cultura ocidental interpretava a paixão como um vício ou um desvio que deveria ser controlado pela razão.

Foi necessária a presença luminosa de Benedictus Espinosa no século XVII para colocar em xeque aquela concepção.

No contemporâneo, António Damásio⁵ resgatou o filósofo holandês para destacar a relevância e o valor dos sentimentos.

⁵ DAMÁSIO, A. *Em busca de Espinosa: prazer e dor na ciência dos sentimentos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

Para o neurologista português, a presença deles nos seres humanos é a garantia dos acontecimentos significativos tornarem-se sentido para a vida, pois serão constitutivos do self autobiográfico.

Para nós, esse acontecimento que nos molda é o exercício ético da experiência de si que no nosso Módulo se denomina PensArteCorpo.

Na educação, o exercício ético é um trajeto por entre os saberes que constituem a forma de vida do aprendiz; é uma passagem, um deslocamento, uma viagem na qual o *agente* da experiência se prova, se molda, se transforma; enfim, se inventa.

Aqui a paixão é compreendida como um encantamento e o nosso poeta Manoel de Barros já ensinou: "... a importância de uma coisa não se mede com fita métrica nem com balança nem com barômetro etc. A importância de uma coisa há que ser medida pelo encantamento que a coisa produza em nós".

6 Considerações finais

Para concluir, uma indagação derradeira para meditar: o que oculta a transmissão do saber médico exigindo a realização de tantas matérias e atividades, descurando uma experiência especial de afeto ou de cuidado?

Para nós, "o valor de uma vida não se mede pela quantidade de coisas que realizamos, mas pela qualidade da nossa presença em cada uma de nossas ações"⁶.

A metáfora da árvore do conhecimento esconde uma estratégia de controle dos saberes. O pensamento não se faz no modelo arborescente, pois o cérebro age como uma multiplicidade, ou melhor, o sistema nervoso é um operador de natureza plástica e relacional com a potência da variabilidade inventiva inerente às condições da vida.

Como medita Silvio Gallo, a educação não pode ser considerada uma linha de produção em série cujo resultado é um objeto perfeito do que se ensina.

"Ensinar é como lançar sementes, que não sabemos se germinarão ou não; já aprender é incorporar a semente, fazê-la germinar, crescer e frutificar, produzindo o novo. (...) A aprendizagem é um processo sobre o qual não se pode exercer absoluto controle."⁷

A institucionalização da escola na cultura ocidental desaguou no tipo de ensino em que o saber é proclamado autoritariamente do alto da cátedra (do latim, *cathedra*; cadeira), implicando um lugar de privilégio: o topo da hierarquia ocupado pelo professor.

Aqui no Módulo de Bioética e Cidadania denominado de *Ética-da-vida* ou *Aionética* se recusa esse tipo de saber-poder arbitrário que enclausura a potência da forma de vida do discente como se faz tradicionalmente.

Por isso, rejeita a designação de "cadeira" e acolhe o termo afetivo, carinhosamente inventado para designá-lo: *tamborete*. Metáfora, mas também instrumento crítico, dispositivo de luta, de resiliência, de resistência ao biopoder. A sua função é propiciar o salto do aprendiz para a liberdade.

O salto se efetiva por intermédio do PensArteCorpo como uma produção ou invenção de si para se tornar liberto do encarceramento moral.

O significado e o sentido, ou seja, o valor deste texto dedicado a receber os/as discentes da Turma 126 se produz, sobretudo, nas entrelinhas como um convite.

Uma provocação para desconstruir o tipo de sujeito que lhes é determinado pelo biopoder, para estimular o exercício da crítica ao pensamento da educação médica e do seu currículo como não-disciplinas e fazê-los/as ultrapassar as limitações impostas pela moral, abrindo novas possibilidades de pensar, de ser e de agir.

⁶ Cf. LENOIR, F. *O poder da Alegria*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2017, p. 41.

⁷ Cf. GALLO, S. *Deleuze & a Educação*. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008, p. 84.